

TSAMIR X BLANKFELD

Campus colocou frente a frente dois homens que representam duas posições divergentes no atual espectro político israelense. Ambos tiveram o mesmo espaço para responder a três questões que determinam um verdadeiro divisor de águas entre os dois principais partidos israelenses: o Likud — coalizão nacional liberal na situação — e o Maarrach — coalizão trabalhista na oposição. Trata-se de anexação de territórios, da política econômica e da influência dos religiosos na sociedade israelense. De um lado, Dov Teamir, dirigente do partido trabalhista, brasileiro e atualmente em visita a São Paulo, de outro lado, Elias Blankfeld, um dos líderes do movimento Herut (integrante do bloco Likud) no Brasil.

ANEXAÇÃO DE TERRITÓRIOS

O governo trabalhista logo após a Guerra dos 6 Dias declarou que os territórios conquistados não seriam anexados, com exceção de Jerusalém. Nós queremos uma normalização de relações com os árabes, com o estabelecimento de relações diplomáticas e intercâmbio econômico e de pessoas. Afinal, queremos nos integrar no Oriente Médio e é evidente que a anexação de toda a Judéia e Samaria significa um estado de tensão permanente com os árabes, e representa um sério obstáculo para se conseguir um acordo de paz. Um outro problema é que o milhão de árabes que vivem na Cisjordânia não querem ser "súditos" israelenses. Então, o que faremos com este milhão de árabes? Portanto a anexação é ilógica politicamente e moralmente inaceitável. Esta política criará graves tensões com o mundo árabe e com os EUA. Além disso, provocou uma declaração de nossos amigos do Mercado Comum Europeu condenando a colonização de territórios, pois sempre que Beguin permite a criação de colônias, ocorrem choques com os vizinhos árabes.

ANEXAÇÃO DE TERRITÓRIOS

Yebudá e Shomron foram e são de vital importância à segurança de Israel. Quanto ao estabelecimento de novas colônias, acreditamos que nenhum governo pode proibir aos judeus de se instalarem em qualquer ponto de um país de judeus. Não se pode falar em anexar o que nos pertence, assim como não se deve ignorar os direitos históricos incontestáveis em relação à Terra de Israel. Entretanto, deve ser ressaltado que, com exceção de Jerusalém, tudo é negociável, desde que se sinta a sinceridade e boa vontade do outro lado. Mas o conceito de paz é relativo. Nós entendemos que paz significa encerramento definitivo do estado de belligerância, troca de representações diplomáticas, fronteiras abertas, etc. Será que os árabes entendem a mesma coisa? Devemos nos conscientizar de que a própria independência de Israel está em jogo, portanto, é muito grande a responsabilidade dos dirigentes de Israel.

E com respeito aos árabes na Cisjordânia, não constituiram um grave problema nos últimos 10 anos, e também não no futuro. A dramatização deste problema é pura demagogia, explorada com fins de política interna de Israel.

POLÍTICA ECONÔMICA

O Estado de Israel desde a sua fundação, liderado pelo partido trabalhista, foi constituído como um Estado de caráter socializante. O governo nacionalizou a água, os recursos minerais, as terras. Foram criados kibutzim e moshavim. A Histadrut criou enormes cooperativas de consumo e produção, enormes fábricas pertencentes aos trabalhadores. Conseguimos, dentro de um regime democrático, construir, provavelmente, o Estado de maior igualdade do mundo contemporâneo. A política do Likud é capitalista, conservadora de direita. Uma das primeiras declarações do novo ministro das Finanças foi que para combater a inflação, provocaria desemprego. Nós, os trabalhistas, sempre demos garantias aos desempregados e compensações salariais aos trabalhadores. Estamos seguros de que o novo governo não vai conseguir mudar o caráter básico da economia israelense. O que eles tentarão fazer é dar vantagens desproporcionais à iniciativa privada para incrementar um Estado com características competitivas. Quanto à nova política social, eu acredito que ela terá como resultado aumentar as desigualdades sociais e diminuir o caráter socializante da economia.

PARTICIPAÇÃO DOS RELIGIOSOS NA SOCIEDADE ISRAELENSE

Outro ponto que nos diferencia do Likud são as distorções no que diz respeito ao processo de "Conversão". Nós estivemos em coalizão com o partido religioso durante 29 anos, porém nunca cedemos neste ponto básico: judeu é todo aquele que vem para Israel e foi convertido. Não interessa por quem ele foi convertido, se por um rabino ortodoxo, conservador ou reformista. No momento em que você aceita que a conversão seja feita somente por um rabino ortodoxo, você está rompendo a unidade do judaísmo mundial, portanto, ilegitimando a corrente reformista do judaísmo. Além disso, o aumento da influência dos ortodoxos de maneira desproporcional ao seu verdadeiro tamanho, sua vontade de intervir e alterar o status de Estado laico que nós temos atualmente em Israel, criará uma série de tensões e talvez conflitos religiosos. Somos completamente contra a introdução desta lei e do aumento da influência dos ortodoxos, e consideramos ambos como um dos erros básicos da política do Likud.

Texto: Caio Kraiser Blinder e Jairo Okret

POLÍTICA ECONÔMICA

O governo do Likud recebeu uma pesada herança dos antigos dirigentes do Estado: inflação galopante, instabilidade econômica, greves, insatisfação geral e disparidade social sem precedentes. O governo, portanto, terá de se preocupar em conter a inflação, estabilizar a moeda e manter um padrão de vida decente para todos os residentes. Ainda terá que se preocupar em erradicar a pobreza e criar uma justiça social. Deve visar a reativação do crescimento econômico, aumentar os investimentos do exterior, estimular a iniciativa privada e aumentar a produtividade para alcançar um rápido aumento do PNB.

Os primeiros meses de governo do Likud provaram que a população confia em sua atual liderança; durante estes 4 meses não houve greves, a taxa de desemprego não subiu. Não duvido que estimulando a iniciativa privada, terminará a hegemonia da "empresas-motor" da Histadrut, a qual deve preocupar-se com seus problemas básicos: zelar pelo bem estar dos trabalhadores.

Os primeiros resultados da nova política econômica são promissores, e temos confiança de que em pouco tempo a economia do país, que durante 29 anos do regime trabalhista quase chegou à bancarrota, será recuperada.

PARTICIPAÇÃO DOS RELIGIOSOS NA SOCIEDADE ISRAELENSE

Israel só tem razão de ser o país do povo judeu, se puder viver dentro dos conceitos de sua tradição, pois esta é a sua força moral de existência e sobrevivência. O Estado de Israel, em particular, e o povo judeu, em geral, deve basear a educação e conscientização sobre os valores do judaísmo e do sionismo, do amor a Israel como Pátria eterna do povo judeu. São estas as condições "sine qua non" para a própria existência do Estado de Israel.

Toda esta gritaria sobre a influência religiosa na vida cotidiana de Israel, não tem nenhum fundamento. E se as autópsias serão feitas apenas com a autorização de pais, se haverá maior rigor em avaliar quem é judeu, e as dificuldades de se converter ao judaísmo crescerem, não vejo nenhum mal em tudo isso. Ao contrário, isso somente pode fortalecer o judaísmo, a sua conscientização e ligação com a nossa tradição. Afinal somos um Estado Judeu, um estado que tem suas raízes no nosso passado, na nossa sabedoria, profundamente valorizada nos seus conceitos de moral e ética.

Texto: Eliane Gamal e Roberto Moritz

CAMPUS

Conselho Universitário
Israelita

CORPO EDITORIAL
YOLA SREBRO
REUVEN MELTZER
FELICIA NAJMAN
ADRIANA FINZI
CAIO KRAISER BLINDER

Diretor de Redação
OSCAR NIMITZ

Diagramação
R. C. MENEZES

Os artigos assinados
são de inteira
responsabilidade de
seus autores, não
expressando
necessariamente
a opinião da Redação



**latt-mayer s/a
artes gráficas**

reúne a linha de produção mais completa das Américas:

Fotolito - Clichê - Rotofilme - Lattoplast - Borracha
Fotocomposição - Fotoletro - Fotopolitécnica - Foto - Desenho

Rua Lavradio, 162/66 - Fone 242-8125 - Rio de Janeiro